MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
2002 nº 219

FULGÊNCIA E DITINHA
Lembranças e Preconceitos



Mês de março, mês da mulher. É hora de lembranças de mulheres de outras épocas, de suas vidas, das diferenças entre o ontem e o hoje. Tempo de memórias de infância e de preconceitos, que nos fazem lembrar as narrativas de Fulgência e de Ditinha, que muitas vezes ouvimos e que achamos interessante registrá-las, para a história social dos séculos passados.

Fulgência

Descendência escrava, indígena, francesa. Pele morena, cabelos claros e ondulados, olhos castanhos, estatura baixa, magra, uma capaciade de trabalho invulgar, domínio completo na arte culinária e trabalhos domésticos: **Fulgência de Oliveira.**

Nascida em meados do século XIX, aproximadamente no final da década de 1850, na Fazenda Conceição, em Lorena, de propriedade do Coronel José Vicente de Azevedo. Este, com apenas 35 anos, fora assassinado em 1869 a caminho da fazenda, numa emboscada preparada por escravos. Crime político ou não, mas que repercutira em toda região valeparaibana pela posição política do Coronel, membro efetivo do Partido Conservador. Um ano antes, o Coronel havia hospedado, para assistirem a uma missa na capela da sua fazenda, a Princesa Isabel e o Conde D'Eu, em dezembro de 1868, o que talvez acirrara o ódio dos inimigos políticos...

Com detalhes assustadores, quase um século depois, Fulgência repetia o drama sofrido pela família e pelos escravos, perseguidos pelo

Capitão do Mato; a troca de roupas para despistar a Milícia... e a visão do escravo assassino, todo de branco (raridade entre os escravos, quase nus) ludibriando as autoridades mas não os cativos. Entre eles, a menina Fulgência, amparada pela bondade de dona Angelina de Castro Lima, víúva do Coronel.

Fulgência cresceu entre os familiares e amigos do Coronel: Dr. Arnolfo, Baronesa de Santa Eulália, Barão da Bocaina, dona Fiúta, dona Zemira, Zulmirinha, Nhazinha Romeiro da Rosa Fabiano, com quem viria rẽsidir, ainda moça, em Guaratinguetá, em casa de grande quintal à rua Lamartine Delamare esquina da rua Visconde de Guaratinguetá. Ali viria Fulgência a falecer, já centenária, em 1958.

Entre as recordações da infância de Fulgência, uma das mais gratificantes foi a viagem à Corte e à cidade serrana de Petrópolis. Ao se ajoelhar, pela passagem da princesa Isabel, recebeu da filha do Imperador uma moedinha que conservou para o resto da vida, assim como também guardou a modinha que aprendera na época. Esta ela cantava, mais tarde, para as bisnetas, filhas do neto Mario:

"Nós viemos da Corte do Rio / Onde fomos fazer sortimento / Nunca vi arraial tão maior / Nem tanto divertimento / Era gente pra baixo e pra riba / Parecia um dia de festa / Era tanto o calor que fazia / O suor escorria da testa / Das coisas que lá eu vi / Das coisas que parecem bem melhor / São os bondes correr sem burro / E os cavalos de rabo cotó..."

Até sua morte, manteve contato e recebia a visita periódica da Drª Carlota Pereira de Queiroz, de quem assistira o nascimento, em Lorena. Foi ela uma das primeiras mulheres formadas em medicina, no Estado de São Paulo, neta do Coronel José Vicente de Azevedo e do fazendeiro Elpídio Pereira de Queiroz, falecido em 1915. Discípula e assistente do grande clínico Dr. Miguel Couto, foi também uma das primeiras deputadas pela Assembléia Constituinte do Estado de São Paulo em 1934. Historiadora, com duas excelentes obras publicadas: "Um Fazendeiro Paulista no século XIX", em 1965, e "Vida e Morte de um Capitão-mor", em 1969, com pesquisas em documentos deixados pelo avô e fazendeiro Coronel Elpídio de Queiroz, escondidos em velho baú...

Fulgência tinha também seu repertório de histórias de famílias de Guaratinguetá e Lorena que, se fossem escritas dariam um belo romance...

Criou filhos, netos e bisnetos, através de sua arte culinária invejável, com receitas próprias e criativas de salgados, doces, bolos, biscoitos, licores, vinhos, pães caseiros e doces; confeccionava sabão, sabonetes, fermentos para bolos e pães. Possuía inteligência, vivacidade de espírito e muita dedicação ao trabalho.

Assim, durante mais de meio século, famílias guaratinguetaenses usufruiram das delícias preparadas pelas mãos de uma mulher que merece destaque entre as mais completas conhecedoras da arte culinária, na primeira metade do século XX, na cidade de Guaratinguetá: Fulgência de Oliveira.

Ditinha

Benedita Maria de Oliveira - Ditinha, professora primária, nasceu a 7 de agosto de 1895. Sempre se distinguiu tanto por sua atuação profissional, como pela consciência crítica e construtiva dos preconceitos sociais na Guaratinguetá do início do século XX.

Filha de mãe solteira, teve por avó, uma escrava de Monsenhor Miné de Pindamonhanga. Venceu preconceitos de cor, nível social, situação econômica, cultura incipiente. Na impossibilidade de conseguir um diploma pela antiga Escola Normal de Guaratinguetá, dado o rigor dos mestres da época, foi na Escola Caetano de Campos, em São Paulo, que deu início a sua carreira no magistério primário, grangeando amizades, admiração pela educação, beleza e comportamento, nas diversas cidades em que lecionou no interior de São Paulo, entre elas Inácio Uchoa, Catanduva e Santos,

Aposentou-se na Capital, com mais de 40 anos de magistério, rejeitando durante a vida, propostas de casamento, para maior apoio à mãe, Verediana, residente em Guaratinguetá, com uma serviçal como companhia: Nhá Antônia.

Os hábitos escolares nas primeiras décadas do século XX ressurgem em suas memórias de menina: as aulas no curso primário do Grupo Escolar Flamínio Lessa, na Praça Conselheiro Rodrigues Alves, meninos e meninas em classes separadas, professoras, lecionando meninas; professores, nas classes masculinas; ao piano, José Félix tocando a marcha, na formação das filas de entrada, e hinos cívicos no início das aulas.

Inesquecíveis para a aluna: a beleza e educação da professora de 1º ano: Anica Silveira; a mágoa pela professora do 2º ano, por have-la

castigado por um erro de ortografia; a traumática volta ao recreio pelas mãos salvadoras do Diretor Júlio Pestana quando, discriminatoriamente, a professora do 4º ano (Donana de Nhô Bernardino) privou-a do recreio por haver repetido uma pergunta indiscreta já feita, sem recriminação, pelas colegas Dulce Carneiro e Conceição Bueno...

Os preconceitos ressurgiriam com as Coroinhas de 1ª, e Coroinhas de 2ª, na primeira Comunhão da Igreja Matriz de Santo Antônio. Era então Presidente da Irmandade do SS.Sacramento, dona Sinharinha Patrício (Mariana Emília de França) moradora no sobrado de esquina da Pç. Homero Ottoni, nº 18, onde, no grande salão de jantar, armavam-se, após a comunhão, duas mesas compridas: a de 1ª Coroinha, com toalha de renda, bolos confeitados, biscoitos, chocolateiras e a de 2ª Coroinha, com toalha simples, pães doces, menos enfeitada.

No móvel ao lado, os atraentes cartuchos enfeitados, cheios de balas e confeitos de amendoim, cobertos de açúcar, que seriam distribuídos às comungantes, no final da festa.

Após a cerimônia religiosa, as meninas eram levadas para lá, pelas examinadoras do catecismo: Mimi Morais, Cecília Gaia, Antonina Meireles. Subiam a escadaria do sobrado e deparavam, no comprido salão de jantar, com as duas mesas, todos os olhos voltados para a de 1ª Coroinha: mais tentadora, mais apetitosa. Era constrangedor ver o desapontamento das crianças levadas para a 2ª mesa, repetia revoltada a Professora Benedita, também conhecida por Ditinha, Ditoca ou Benê.

Terminados os "comes e bebes", ao chegar em casa, a pergunta aflita da mãe: - em que mesa você sentou? Ditinha só atinaria com o problema quando, ao se encontrar com a examinadora Mimi Morais na rua, esta confessaria sorrindo: "eu ia ver fogo com sua mãe se não colocasse você na mesa de 1ª Coroinha..."

Ditinha faleceu em 1991, em São Paulo, onde residia no Centro do Professorado Paulista. Foi sepultada no Cemitério de Nosso Senhor dos Passos, em Guaratinguetá, no túmulo que dera à mãe, já centenária, a responsável pelo seu sonhado diploma de professora primária no Estado de São Paulo.

Maria Isbella Maia Fabiano